

TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO: GLOBALIZAÇÃO E MERCOSUL.

Claudemira Azevedo Ito^{*}

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, já se apresentavam os primeiros indícios do violento processo de internacionalização do capital, pelo qual o mundo estava caminhando. Em escala jamais vista, o capital perdia suas características nacionais e adquiria outras internacionais. Ocorria uma metamorfose, onde o capital adquiria novas condições e possibilidades de reprodução. Seu espaço ampliava-se além das fronteiras nacionais. Esse processo, apesar de toda sua extensão torna-se mais amplo a partir do fim da Guerra Fria, ou seja, após o esfacelamento da União Soviética. De forma muitíssimo resumida, este foi o panorama mundial desde meados da década de 40, até a segunda metade da década de 80.

Neste trabalho pretende-se analisar sob este quadro internacional, a integração do Cone Sul. Primeiro pelas iniciativas de aproximação econômica da América Latina, desde aquela surgida da utopia de Bolívar, até as mais recentes e mais organizadas como a ALALC e a ALADI e principalmente o MERCOSUL. Para tal análise, faz-se necessário a discussão sobre a organização bipolar do pós Segunda Guerra Mundial e a passagem para a economia multipolar instaurada no final da década de 80, com a derrubada do Muro de Berlim. A atual formação dos blocos econômicos, sob a égide do neoliberalismo merece atenção especial neste trabalho, pois é de fundamental importância para a apreensão do momento atual de reordenamento econômico mundial.

Os acordos bilaterais entre Brasil e Argentina assinados na década de 80 merecem destaque, principalmente ao impulso que deram para o início do processo de integração do Cone Sul. Com estes acordos quebraram-se a desconfiança mútua entre os dois países. O passado de embate geopolítico de competição pela hegemonia regional é agora substituída pelo esforço de complementação econômica. Evidentemente, esse processo não é simples, decorre de transformações mundiais que impelem ambos os países a tomarem novas posturas diante do outro.

Nestes tempos de transformações, o Mercosul é reflexo direto da globalização e regionalização da economia, tendências complementares que respondem às mudanças estruturais da ordem mundial. Para entendê-lo, não se pode deixar de analisar o Tratado do Mercosul ou Tratado de Assunção, o qual retrata os anseios dos países que o assinaram. Entretanto, é necessário, vê-lo de forma crítica, verificar as condições e viabilidades de seus objetivos, tendo em vista a diversidade existente entre estes países, tanto de indicadores sociais quanto econômicos. E principalmente, a diferença dos níveis de modernização e desenvolvimento dos setores produtivos.

REORDENAMENTO DA ECONOMIA MUNDIAL

A atual reorganização da economia mundial tem como pano de fundo a aceleração do processo de internacionalização do capital e a desintegração do sistema bipolarizado instaurado após o término da Guerra Mundial, com a formação de dois campos; o

^{*} Universidade Estadual Paulista-UNESP-Brasil

ocidental sob a hegemonia absoluta dos Estados Unidos, e o soviético sob a orientação da União Soviética.

Este sistema internacional bipolar, organizado e estabelecido logo no imediato pós guerra entrou em processo de desintegração por ambas as partes integrantes e respectivas hegemonias políticas. De um lado, os Estados Unidos, com evidências claras de debilidade de sua economia, as quais afetam pontos vitais como por exemplo: a dívida externa, a dívida interna, o déficit comercial. Sem nenhuma dúvida, os Estados Unidos tornaram-se o ponto central dos desequilíbrios e turbulências do sistema econômico mundial.

Por outro lado, no referente à União Soviética é necessário considerar a implementação da política empreendida pela administração Gorbachev, na medida em que esta liberou os investimentos estrangeiros, abriu espaço aos movimentos da sociedade civil, ao mesmo tempo em que se admitiu uma maior flexibilidade no plano das relações entre os países satélites e a potência hegemônica, chegando a desembocar na independência da maioria das repúblicas do antigo bloco socialista, desatando dessa forma, as forças centrífugas latentes no interior do campo soviético.

A ordem implantada no pós-guerra está em franca desagregação e os Estados Unidos já não são capazes de sustentar uma hegemonia declarada e aceita, generalizadamente, no mundo ocidental. A divisão entre leste e oeste foi quebrada, e as instituições antes erigidas para preservar a velha ordem tornam-se obsoletas.

Uma vez esgotado o antigo esquema bipolar de poder, característico do período da Guerra Fria às potências resultantes, suas relações de predomínio sobre as demais nações do mundo e suas políticas de acomodação configuram a atual ordem mundial.

MARTORELLI (1994), aponta como principal característica desta nova ordem mundial, o processo de globalização. Este apresenta-se impregnado pela dimensão ideológica, na tentativa de ocultar o processo de acomodação das potências capitalistas desenvolvidas...*"Os atuais fenômenos internacionais respondem em grande parte, aos interesses dos detentores do poder econômico em nível mundial, centrados principalmente na globalização da economia como fundamento para a expansão do capitalismo"...*p.2.

De acordo com esta linha de análise, os países desenvolvidos conjuntamente com as transnacionais no controle do poder econômico, não perseguem a consolidação do Estado, pelo, contrário, advogam pelo seu debilitamento, através da eliminação progressiva de barreiras geográficas e jurídicas, que por sua natureza obstaculizam o processo de globalização da economia mundial.

O fato de que no marco atual dos acontecimentos mundiais não existe um só país que reúna as condições de ostentar o título de potência única, responde em grande medida, ao processo de internacionalização máxima do capital, conceitualizado por alguns como globalização. Entretanto, ao mesmo tempo, a projeção global de um mesmo sistema econômico deve-se à estratégia dos países centrais para dissolver, pelo menos por um período, suas contradições.

No processo de expansão do capital, a competição cada vez maior, faz com que nenhum país possa monopolizar todos os fatores de poder. Por isso, as peças em luta devem sofisticar e reajustar os modos de organização, para manter-se em destaque no cenário mundial. Frente às crises do poder hegemônico mundial, as potências, em vez de lutarem pela supremacia, unem-se conjuntamente como aliados para impor sua ordem e a idéia de globalização. MARTORELLI (1994) p.3.

Diferentes autores tratam do tema da globalização por distintas perspectivas. Entretanto, coincidem em apontar em suas análises, dois aspectos em comum que marcam o

fenômeno. O primeiro, associado ao fator econômico indica a adoção uniforme do neoliberalismo, e o segundo, refere-se ao político, percebe-se o uso da democracia ocidental como forma de governo.

Resumidamente, o neoliberalismo resgata o princípio da liberdade de mercado, o maior dos preceitos básicos do liberalismo. Os novos liberais se fundamentam na macroeconomia de livre concorrência, que como uma lei de causalidade absoluta, tornaria livre os homens e as nações.

MARTORELLI (1994) conclui que para afirmar que globalização e neoliberalismo são, na realidade, conteúdos da aparência necessariamente, deve-se fazer uma revisão da aplicação destes conceitos. Esta revisão, segundo o autor, poderia conduzir a distintos resultados, um seria a conformação objetiva das doutrinas macroeconômicas e da globalidade, outro poderia ser da ratificação da tese embasada na visão da globalização e do neoliberalismo, como artifícios ideológicos para expandir ao máximo, os domínios do capitalismo. p.4.

O capitalismo, em seu desenvolvimento lógico de acumulação e expansão máxima da economia tem como ponto básico, a tendência irresistível para uma total internacionalização do capital, fundamento este para o processo de globalização da economia que se impõe hoje, cujo substrato ideológico é o neoliberalismo. Neste panorama, utilizando-se de alguns organismos supranacionais como instrumentos, os países ricos vão atingindo seus objetivos.

Como resultado imediato deste processo de globalização ocorre a absorção progressiva e acelerada das economias dos países componentes do chamado Terceiro Mundo, através de diversas formas, entre as quais se destaca o processo de privatização das empresas estatais, muitas delas com especial valor geoestratégico. No âmbito do Brasil, é fato o afastamento do Estado de vários setores essenciais da economia, deixando lugar à iniciativa privada no campo da siderurgia, energia elétrica, transportes, petróleo entre outros.

Globalização e regionalização: As faces da mesma moeda.

A maioria dos autores aponta como um dos principais objetivos atuais, dos países detentores do poder econômico, a quebra de barreiras geográficas e jurídicas que se constituem obstáculos para o processo de globalização da economia mundial. Alcançando este intento, as nações desenvolvidas, conjuntamente com as empresas multinacionais, competem por obter maior concentração de capital.

Os tratados de livre comércio, ou melhor, os chamados tratados de integração, perseguem a eliminação das barreiras tarifárias e não tarifárias. Os países da Comunidade Comum Européia eliminaram a utilização de passaportes nacionais entre seus integrantes, criando um passaporte comum. Além disso, também foi criado o parlamento europeu e há planos de implantação de moeda única. Concomitantemente, revitalizam-se as economias mais debilitadas entre os integrantes do pacto europeu, levando a uma integração econômica, senão de iguais, pelo menos entre semelhantes.

Da mesma forma, outros exemplos de integração aparecem em diversos pontos do globo. Os Tigres Asiáticos, encabeçados pelo Japão, desde o final da década de 1980, despontam no cenário econômico mundial, conquistando mercados consumidores e expandindo seus capitais.

Exemplificando, ainda mais as rupturas jurídicas e geográficas podemos apontar o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), que liderado pelos Estados Unidos, acompanhado por Canadá e México caminha para a integração entre os países da América do Norte.

Como visto, os esforços para a integração estão por todo o globo, atingindo a somatória de cerca de quinze áreas de livre comércio, em diferentes estágios de amadurecimento e implantação, segundo os problemas enfrentados em cada um.

As chamadas harmonizações macroeconômicas, que devem ocorrer em cada área de integração em todos os setores da economia, preparando-a para as novas dinâmicas de mercado e fluxos de mercadorias e serviços, constituem-se no principal obstáculo aos programas de integração. Isto ocorre, porque, na maioria dos casos, estamos tratando de integração econômica entre países de economias muito diferenciadas do ponto de vista de sua competitividade, tanto em qualidade, quanto em produtividade e outros critérios.

Entretanto, a integração não pode ser entendida como a melhor possibilidade de crescimento ou desenvolvimento econômico. Pois, a integração não vai alavancar a uniformização entre as economias dos países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, ela realmente favorece à concentração e transnacionalização do capital, já que a globalização tem como base privilegiada, aquelas regiões ou países de maior dinamismo econômico.

Portanto é, a integração, em sua maior expressão, a globalização, a possibilidade que as grandes economias encontraram para sair da crise, sob o manto do neoliberalismo, que demonstra a necessidade de abertura dos mercados à livre concorrência para um maior crescimento econômico, ao mesmo tempo que esconde a tendência dos países ricos, em aumentar a acumulação de capital e a restringir cada vez mais a abertura de seus próprios mercados.

O fechamento das fronteiras dos países ricos para a entrada dos produtos provenientes do Terceiro Mundo, em muitos casos, é garantido por subsídios à produção, principalmente da agricultura. Sem entrar em detalhamentos o trigo, parece ser o melhor exemplo de protecionismo na CCE. Outro exemplo, desse enganoso jogo do livre comércio nos Estados Unidos, é a chamada "medida para-tarifária" que impede a entrada de uma grande variedade de artigos. Isto mostra que apesar do discurso da democracia e da liberdade, muitos países caminham em sentido contrário.

No quadro atual de crise, em que vivem os países desenvolvidos, estes apresentam o neoliberalismo como uma panacéia para os países de Terceiro Mundo, cuja abertura de mercado parece transmutar-se em aumento dos investimentos estrangeiros e uma intensificação do crescimento econômico.

Mas, crescimento econômico, não significa necessariamente, desenvolvimento econômico para os países de Terceiro Mundo, já que os lucros no crescimento econômico escoarão para os países desenvolvidos, ou para as multinacionais investidoras. Acrescente-se a isto, que impreterivelmente, os custos sociais e ambientais recairão sobre as populações dos países pobres. No conjunto da América Latina, a maior parte das nações sente o avanço do neoliberalismo. Entretanto, o México, a Argentina e o Brasil destacam-se apresentando fortes sintomas de inadequação das soluções apresentadas pelo modelo neoliberal para as questões sócio-econômicas. Os índices de desemprego, subnutrição e outros tão graves apresentam-se em acentuada tendência de aumento, agravando-se a cada momento a situação desses países.

Por trás das medidas neoliberais escondem-se outras políticas de estreita vinculação com o processo de expansão do capitalismo desenvolvido. Dentro destas, podemos mencionar a reconversão e relocação industrial, que para alguns estudiosos constituem-se no novo paradigma industrial, dentro do qual, o capital industrial, representado pelos blocos econômicos (EUA, Japão e Europa), seguem mantendo o controle das tecnologias de ponta e delegam só um tipo de industrialização especializada para os países desenvolvidos, utilizando as chamadas vantagens comparativas (flexibilização do trabalho, salários baixos, matéria-prima barata, etc.).

Todos estes aspectos das relações econômicas entre os países desenvolvidos e os denominados em desenvolvimento, remetem ao fato prático da dinâmica de poder, que perfila a globalização da economia mundial. Regras de uniformização, impostas com desvantagens para os países que não possuem o controle dos meios de produção em escala mundial.

BIBLIOGRAFIA

- ABINZANO, Roberto. Mercosur: Um modelo de integração. Posadas: Ed. Universitaria Universidad Nacional de Misiones, 1993.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. O Eixo Argentina-Brasil: O processo de integração da América Latina. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.
- CANO, W. Reflexões Sobre o Brasil e a Nova (des)Ordem Mundial. 4ed. Campinas: Ed. UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1995.
- COSTA, Wanderley M. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: Edusp, 1992.
- FURTADO, C. Globalização das Estruturas Econômicas e Identidade Nacional. Estudos Avançados. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, n.16, v. 6, set-dez, p.55-65, 1992.
- IANNI, Octávio. A Sociedade Global. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995.
- _____. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995.
- INSTITUTO CAJAMAR. Mercosul: Integração na América Latina e relações com a Comunidade Européia. São Paulo: Cajá, 1993.
- INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS. Mercosul: Impasses e alternativas. São Paulo: Edusp. n. 18, n. 19 e n.20, set, 1992. (Coleção Documentos)
- JAGUARIBE, H. A Nova Ordem Mundial. Política Externa. São Paulo: Paz e Terra, Edusp, v. 1, n.1, jun, p.5-16, 1992.
- _____. A Geografia Serve Antes de Mais Nada para Fazer a Guerra. (s.n.t.).
- LEHNEN, Arno C. (org.) Fronteiras no Mercosul. Porto Alegre: Ed. Universidade/Pref. Municipal de Uruguaiana, 1994.
- MARTORELLI, Alejandro. El Mundo Actual. fotocópia do autor.
- RAFFESTIN, C. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.
- SCHILLING, Paulo R. O Expansionismo Brasileiro: A Geopolítica do General Golbery e a Diplomacia do Itamarati. São Paulo: Global, 1981.
- _____. Mercosul: Integração ou Dominação. São Paulo: CEDI, 1992.